



INTERIOR DA CASA DE MIGUEL ANGELO, EM ROMA.

INTERIOR DA CASA DE MIGUEL ANGELO, EM ROMA.

Esta casa, que se diz ter sido habitada por Miguel Angelo, está edificada á direita da escada do Capitolio, construída por este grande artista, e defronte da *Ara Cæli*. Miguel Angelo passou grande parte da vida em Roma. No tempo de sua primeira residencia ahi, na idade de vinte e quatro ou vinte e cinco annos, esteve um anno em casa do cardeal de São-Jorge, onde executou um Baccho em marmore, que existe hoje na galeria de Florença, e o grupo da *Piedade*, collocado primeiramente na antiga igreja de S. Pedro, e depois na nova basilica.

Tendo ido a Florença para ahi executar a figura colossal de David, que se vê á porta do antigo palacio, foi chamado a Roma pelo papa Julio II, que o encarregou d'executar o seu mausoleo.

Em 1506, descontente do procedimento do papa, e resolvendo abandonar Roma, disse ao camareiro: « Quando o papa me procurar, dize-lhe que fui para outra parte. » Chegando a casa, deu ordem aos criados para que vendessem aos judeus todos os seus objectos e o fossem encontrar em Florença. Depois saiu de Roma, pela posta, e não parou senão em Poggibonzi, que pertencia aos estados de Florença. Apenas chegado a Toscana, Julio II enviou-lhe cinco ou seis correios pedindo, e mesmo ordenando-lhe que voltasse. O artista recusou. Então o papa dirigiu tres ameaçadores breves ao senado de Florença para que obrigasse o fugitivo a voltar para Roma. Bem quizera o gonfaloneiro Pedro Soderini demorar Miguel Angelo; mas Julio II, que acabava d'entrar vencedor em Bolonha, era temível, e Soderini aconselhou Miguel Angelo a submeter-se. Quando o grande esculptor, bem contra sua vontade, se apresentou ao papa, este, olhando-o irritado, disse: « Em vez de virdes ter connosco, esperastes que fossemos procurar-vos! » E encarregou-o de fazer a sua estatua colossal de bronze.

De volta a Roma, em 1508, Miguel Angelo foi encarregado das pinturas da abobada e paredes da capella Sixtina, que se concluíram em 1512. Depois da morte de Julio II, em 1513, no tempo de Leão X, Miguel Angelo trabalhou alternativamente em Florença e Roma; bem como no de Adriano VI, e no tempestuoso pontificado de Clemente VII. Foi este que o chamou definitivamente para Roma, tinha então cincoenta e nove annos, para acabar o mausoleo de Julio II e completar as pinturas da capella Sixtina. Finalmente Paulo III nomeou-o architecto de S. Pedro, e desde que, na idade de setenta e dois annos, empreheendeu a construcção d'este celebre edificio, não mais se julgou em liberdade de voltar á sua patria. Apesar dos desgostos que lhe fizeram soffrer em Roma os invejosos, os emulos, e as inconstancias dos papas; apesar das frequentes sollicitações dos florentinos e do grã-duque de Toscana, persistiu na resolução de não

abandonar Roma senão depois de concluída a igreja de S. Pedro. « Alcançae de sua senhoria (o grã-duque) escrevia elle a Vasari, que, com licença sua, eu possa continuar a construcção de S. Pedro, até chegar á ponto de se lhe não poder dar outra forma. Se eu desistisse antes, seria causa de grande estrago, de grande deshonra, e de grande culpa; peço-vol-o pelo amor de Deus e de S. Pedro etc. » Miguel Angelo tinha então oitenta e sete annos. Faltava só, para terminar S. Pedro, construir a espheroides do zimbório: o artista fez um modelo de madeira, que os seus successores, Jaques della Porta e Domingos Fontana, executaram, depois da sua morte, com escrupulosa fidelidade. Morreu a 17 de Fevereiro de 1564, na idade de noventa annos.

A mais celebre das habitações de Miguel Angelo é o palacio de Florença, que tem o seu nome, e que ainda é habitado pelos seus descendentes.

Pela collecção do Panorama acham-se disseminadas mais circunstanciadas noticias sobre Miguel Angelo.

VIAGEM AO MINHO.

SEGUNDA PARTE.

(1855.)

Continuação.

CAPITULO VI.

Opinião d'um sabio botecudo acerca das promessas—Razão porque os invejosos deprimem este livro interessante — Aconselha-se ao leitor, que não leia outras obras senão as do autor — Viagem — Os machos de aluguel — A gravidade do meu criado compromettida por uma mula hespanhola—As estradas.

Se eu dissesse ao leitor que d'esta vez se conclue definitivamente a minha incrível viagem, pode ser que elle, apesar de toda a sua benevolencia, me não acreditasse; e confesso que tinha razão, pois que eu mesmo duvidaria. *O homem põe e Deus dispõe.* — Um illustre botecudo que me deu lições de atirar á frecha, quando eu vivi entre os selvagens, dizia-me muitas vezes que a verdadeira sabedoria consiste em não prometter coisa nenhuma, porque ninguem pode contar com a vontade do grande *Manitú* (Deus) que nos governa. E' verdade que eu não sou um sabio de primeira força; mas os exemplos do passado, bem como as palavras do sabio gentio, estão presentes na minha memoria. Eu já prometti por duas vezes, que a historia d'esta minha pittoresca peregrinação não tornaria a interromper-se por maior que fosse o motivo; e comtudo foi interrompida! Se eu tivera a exercer alguma vingancasinha sobre o leitor, moia-o agora com trinta citações latinas, provando a pouca estabilidade das coisas humanas; porém eu não sou

malvado. Contente-se o leitor com saber que trabalhos mais graves, ou antes mais urgentes, me impediram de satisfazer ha mais tempo a sua avida curiosidade ácerca das minhas aventuras. Já não prometto a conclusão da obra, porque ignoro se me chegará a vida para a escrever dignamente; mas espero enriquecer ainda com muitos e mui interessantes capitulos a memoria do povo, e as folhas do *Panorama*. Eu sei que a inveja tem pretendido denegrir os merecimentos d'este meu escripto, accusando-o de insipido e semsabor, com o fim caviloso de lhe roubar as sympathias publicas. Os meus inimigos são autores, e não lhes soffre o animo vilão o ver o entusiasmo e satisfação com que cada assignante do *Panorama* sauda a appareição de um novo capitulo d'este livro immorredoiro.—Coitados! os seus escriptos chilros, e mesmo pifios, não acham olhos assaz pacientes ou famintos de leituras soporíferas que se condemnem ao doloroso trabalho de seguir essas phrases, vazias de senso commum, chôchas como bogalhos, e de cascadura como a castanha da sapucaya! Por isso, elles propalam que a minha *Viagem* é seccante e desengraçada, ao mesmo tempo que tentam arrastar a attenção para as suas lastimosas producções. Leitor! previno-te de que os não leias, se não queres estostrar com uma apoplexia. Esses taes (os invejosos) não escrevem duas linhas sem quatro erros de grammatica; não fazem um livro onde se encontre uma idéa, e impingem a toda a gente a leitura dos seus artigos antes de os publicar, por que bem sabem que ninguem olha para elles quando apparecem em letra redonda. Eu aviso-te, amigo leitor, para que não percas o tempo com elles, pois perderias inevitavelmente a paciencia, e com ella talvez que a vida; não leias senão as minhas obras; eu sou um homem distincto n'este ramo das letras; ninguem escreve com graça senão eu; e só as almas tacanhas é que podem chamar semsabor a esta graciosissima e delectavel descripção da minha *viagem ao Minho*.

Agora comecemos.

Deixei o leitor, no capitulo v, assistindo á grande batalha do xadrez, entre o bonzo e o sabio indiano, junto aos templos subterraneos de Elora; pois com a mesma semceremonia com que do Porto passámos á India iremos agora, montados gravemente em dois machos de ar circunspecto e sizudo, caminhando pela rua de Cedofeita para o Carvalhido. O macho cavalgado por meu irmão menêa a cabeça com certa presumpção e orgulho, chocalhando umas campainhas que leva ao pescoço, pendentes de uma colleira de coiro, com seus fitilhos encarnados; o meu, pelo contrario, vae sombrio e taciturno, com uma orelha para diante e outra para traz, á maneira dos gatos quando ouvem ruido nos forros das casas. Atraz de nós, vem o meu criado, que pela primeira vez na sua vida monta a cavallo, e que lhe coube em sorte uma cavalgadura pouco docil ao cavalleiro. É uma especie de mula

hespanhola, que se deixa ir pela estrada com uma leviandade pouco propria da sua idade, andando em ziguezague, comendo de passagem algumas hervas que apparecem á borda do caminho, parando umas vezes e outras partindo a trote rasgado, sem que a incitem para mostrar semelhantes brios. A sua andadura ordinaria é o chôto; o desgraçado rapaz tenta inutilmente estimulal-a a seguir a marcha dos nossos machos; se lhe chega a espora, a espirituosa mula parte a correr para diante de nos, vexando o criado, que julga desacatar-me, e que se vê na necessidade de ceder ao capricho do animal que o dá em espectáculo a cada passo! Assim saimos do Porto pelo Carvalhido, para a estrada da Povoia.

Para eu ser fiel ao espirito de rectidão e justiça, com que Deus me dotou, não devia conceder ao tortuoso caminho que vamos seguindo o pomposo titulo de estrada; mas visto que elle conduz á terra do meu berço, e attendendo mais á minha qualidade de autor, qualidade que me concede implicitamente o poder de mudar o nome ás coisas, hei por bem, tendo consultado os *Roteiros* de Portugal, e em vista da novissima lei, que autorisa a construcção de uma estrada do Porto á Povoia de Varzim, classificar o trilho mencionado na ordem das estradas do reino.

Se o elegantissimo ministro, que dirige as obras publicas, se resolvesse a dar um passeio por estes caminhos, é provavel que o estado d'elles se melhorasse com rapidez, porque s. ex.^a não soffreria de certo que as muitas e importantes povoações que por aqui se encontram continuassem a viver privadas de meios de communicação com as cidades. É verdade que o illustre ministro estragaria mais de um magnifico fraque de viagem, com a lama que dos pés dos cavallos salta aos cimos das arvores; porém reconheceria a maior necessidade d'estes povos, e provendo-a de remedio evitaria que os cereaes se vendessem por preços tão infimos, que não pagam se quer as culturas; taes são as difficuldades que ha para os enviar aos grandes mercados! E ainda assim a provincia do Minho é talvez a que maior sollicitude merece ao governo actual, que a tem dotado já de bastantes leguas de boas estradas, e lhe promette muitas mais; porém todos os cuidados tem sido para os grandes centros, e especialmente para a parte superior da provincia. A estrada que vae do Porto a Braga divide o lado favorecido, que fica á direita, d'aquelle que fica á esquerda, estendendo-se até ao mar, e que não mereceu ainda o favor de nenhum ministerio! Pois era justo que um governo liberal repartisse com egualdade os seus beneficios, e seria justissimo que se não tratasse com tamanha ingratitude aquelle ponto por onde entrou n'este paiz a liberdade. Desgraçadamente, a causa é porque d'ali não vão deputados á camara para advogar os interesses da sua localidade; a divisão territorial e administrativa é tal

que os eleitores das pequenas povoações pode dizer-se que não teem voto. Os povos dos muitos logares, aldêas, e villas, que se encontram do Porto até á Povia, votam nos condidatos da cidade invicta, quasi sempre desconhecidos dos eleitores, e que tambem ignoram as necessidades dos logares que ajudam a elegend-os, porque nunca lá foram e entendem que pedindo uma alfandega para o Porto, ou alguns contos de réis para as despezas da barra, teem desempenhado o seu mandato. Que importa que os moradores da Povia, de Villa do Conde, de Azurara, do Mindello, de Villa Nova, da Labruge, e de tantos outros logares não tenham estradas que lhe facilitem o ir ao Porto, ou a Braga vender os productos das suas industrias? Pode transitar, pelas que existem, um homem com as actas das assembleas eleitoraes, e isso basta. O deputado é do Porto, ainda que os votos para assegurar-lhe a eleição venham de cinco leguas, e de mais longe? Passado o momento critico, o nomeado não se lembra já senão da sua cidade, se, ao menos, é filho d'ella; e guerreia ou apoia o ministerio segundo o seu interesse particular, até uma nova candidatura... É por isso que eu desejava ver realisado o systema das eleições chamadas de campanario, embora digam que ellas dariam em resultado grandes absurdos. Alguns homens distinctos de Portugal pensam como eu n'esta materia porque naturalmente tambem como eu não pretendem ser deputados. A eleição por campanario daria o optimo resultado de cada povoação escolher o seu representante, que advogasse unicamente os interesses da sua localidade, e que se bem a servisse seria confirmado no seu posto pelo voto popular, e não pelas influencias estranhas á terra que o havia eleito.

Barcellos é uma villa que dá dois ou tres deputados, e Villa do Conde, situada na foz do rio Ave, com estaleiros de construcção, com bastante movimento commercial, com tantos ou mais proprietarios que Barcellos, não dá nem um deputado! E' representada pelo Porto, bem como a Povia que não é menos importante.

Estou convencido que a falta de uma boa estrada contribue para esta desconsideração. Se a senhora D. Maria II, de saudosa memoria, tivesse visitado as povoações da beira-mar, assim como visitou Barcellos; se tivesse tido a curiosidade, ou se lhe houvessem lembrado, de ir ver o logar aonde seu augusto pae desembarcou á frente dos sete mil e quinhentos, posso quasi affirmar que não me veria agora forçado a ir com as pernas encruzadas á musulmana, sobre o pescoço da minha cavalgadura, para não as molhar na agua que, ha mais de um quarto de legua, chega aos peitos dos nossos machos! A actividade cortezã das autoridades competentes teria improvisado um caminho de flores, uma estrada sumptuosa, como tudo quanto se começa e se não acaba n'esta terra, para não deixar conhecer á soberana as necessidades do seu povo. Levaram a rainha ás provincias do

norte para lhe fazer ver que a nação estava feliz, que todos viviam alegres na abundancia, e que não faltavam vias de communicação, e a rainha acreditou-as. Quem a poderia accusar? Os reis nunca vêem senão o que lhes mostram, e poucos sabem mais do que lhe dizem os que lhes fallam. Os festejos officiaes esperavam suas magestades em toda a parte; está claro que se lhe não havia de dar o spectaculo doloroso da miseria publica, nos pontos do transito; e quanto ás estradas, sabia-se com muita antecipaçào o itinerario que deviam seguir os augustos viajantes, e empregaram-se todos os braços que se poderam obter, e as economias de todos os municipios, para desbatar os caminhos. Um exercito de trabalhadores precedia as carruagens reaes, e quando alguma barreira mais difficil de romper vinha attenuar a rapidez dos trabalhos, improvisava-se um baile n'uma aldêa, ou ordenava-se pelo telegrapho a algum longinquo administrador de concelho, que descesse das suas montanhas e viesse complimentar os illustres personagens. Assim se ganhava tempo, o caminho desobstruia-se, vinha a noticia de poderem passar os trens regios, e a soberana passava no meio dos vivas e foguetes, ignorando que o seu reino era intransitavel, e que o seu povo fazia sacrificios com que não podia para lhe mostrar uma prosperidade phantasmagorica!

E comtudo bom seria que todos os principes viajassem nos seus estados, e que o exemplo da rainha, que Deus tem, seja seguido por seu augusto filho. Porque, deve confessar-se, a provincia do Minho tirou um proveito da real visita: as estradas improvisadas para as carruagens reaes tornaram-se depois effectivas. As obras publicas, de accordo com as camaras municipaes, tiveram a coragem de brigar com as urzes que pretendiam retomar os caminhos surribados. Depois, o povo tinha experimentado o prazer de transitar por uma estrada commoda, nivelada, e por assim dizer confortavel; e custava-lhe o sacrificio de tornar a ver-se privado d'ella. Declarou que a queria, fosse qual fosse a condiçào que lhe impozessem para ficar com ella; e offereceu-se a contribuir voluntariamente para que lh'a conservassem. O governo calculou a conveniencia de aproveitar não só as disposições favoraveis da população, mas tambem as estradas começadas, que eram faceis de concluir com alguns esforços e auxilios pecuniarios, embora não tivessem sido feitos os traçados segundo as indicações da moderna engenharia. Votou-se o dinheiro, acabaram-se as estradas, e, o que é mais, o ministro tomou-lhe o gosto e mandou fazer outras. Mas as sympathias ministeriaes nunca desceram de Villa Nova de Famelicão, nem de Barcellos, para as bandas do mar. Porque? Eu não sei outra razão senão a que já aponte. Barcellos e Villa Nova elegem deputados, e as povoações maritimas dão o seu voto aos condidatos das cidades.

GOMES DE AMORIM.

A BATALHA DE ALCACER-QUIBIR

E A PERDA D'EL-REI D. SEBASTIÃO.

Continuação.

N'um livro, hoje raro, escripto por homem, que assistira á batalha, e que fôra soldado no terço dos aventureiros, na *Miscelanea* de Miguel Leitão de Andrade (Dialogo VII) vem narrada uma circumstancia, que explica porque a victoria que primeiro se declarara pelos portuguezes se converteu depois em lamentavel derrota.

« E indo assim com esta alegria acclamando a victoria, quando ouvimos, aquelle infausto, e para sempre lamentavel *ter, ter*, que alguma furia infernal deveu de dar, pondo-se na bocca (dizem) do capitão Pero Lopes tenente do nosso capitão dos aventureiros Alvaro Pires de Tavora, irmão de Christovão de Tavora grande privado d'este rei que daria a tal voz por lhe parecer nos tinhamos adiantado muito do nosso campo, ou contentando-se de havermos quasi ganhado a artilharia dos inimigos, e com ella duas bandeiras (segundo depois elle me disse)»

«E tornando ao que da batalha vos ia dizendo, escreve elle mais adiante, com aquella maldita voz *ter, ter*, parámos sem saber o pera que, ou porque, nem o que houvessemos de fazer, nem ainda o que se passava em nosso campo. E bem cuida que o capitão Pero Lopes (se elle deu esta voz) a daria por ver que o nosso terço se tinha muito adiantado do corpo da batalha, e do nosso campo o qual por ficar pelejando por todos os lados (porque todos obrigaram os inimigos a ser vanguarda) não pôde adiantar-se tanto, e vendo os moiros que de nós arrancados iam fugindo desbaratados d'aquella banda: dando-lhe nós tempo aos mesmos que iam fugindo de poder ver nossa desordem em que ficámos com aquella maldita voz (o que elles me disseram em Fez conheceram no baralhar de nossos piques) fizeram os outros d'outras partes, e tornaram sobre nós com muitas rociadas de sua escopeteria, e os de cavallo com muitas entradas a nós, que pelejámos a pé quedo recebendo quanto damno podeis imaginar, té que este nosso terço, ao menos a dianteira d'elle, dos aventureiros (porque todo não seguiu a diante) foi todo desfeito, e mortos quasi todos, sem nunca os moiros se chegarem a nos medir com as suas espadas.»

Na chronica inedita do padre Amador Rebelo, da ordem dos jesuitas, que foi mestre de primeiras lettras de el-rei D. Sebastião, e companheiro do padre Luiz Gonçalves da Camarã, encontra-se uma breve noticia da batalha de Alcacer-Quibir, que lhe enviara um padre da companhia e que coincide, em quasi todos os pontos, com a narração de D. Diogo Queipo de Souto-maior.

«O padre Pedro Martins, escreve elle, da nos-

sa companhia, que com outros d'ella acompanharam a el-rei na batalha, pessoa de autoridade e lettras, nos escreveu de Fez uma carta do successo da batalha.»

«O dia da batalha que começou ás nove horas da manhã, foi um dia de juizo, e o mais horrendo espectáculo, que a natureza humana em nossos dias experimentou: logo ao principio pendeu a victoria para nós, e os inimigos fugiram, e os nossos estiveram a vinte palmos da sua artilharia: mas não soubemos seguir a victoria por que não merecemos a Deus: entrou tal pavor nos nossos pelo grande estrago e mortandade que fazia n'elles a furia da artilharia do inimigo, que em espaço de meia hora ficaram elles senhores do campo, e de duas foi tudo acabado e concluido e nós ou mortos ou captivos.

«A causa de tão supita desventura, e destruição dizem, e se entende que foram peccados que no exercito havia, porque com quanto el-rei, como casto e virtuoso que era, temente a Deus, tinha mandado deitar pregões com grandes penas, não apparecesse no exercito mulher nenhuma, iam carretas d'ellas: e de Castella em barcos tinham vindo a Arzilla: e além d'isso era tão grande a insolencia da nossa parte que antes de entrar na batalha se promettiam a victoria, e tanto a sua ufania e presumpção que zombando de Muley Moluco, diziam sobre elle graças e motes: e como Deus não deixa a tantos peccados sem castigo, e os da soberba são tão abominaveis diante d'aquella tremenda e divina Magestade, que bastavam estes ainda que não houveram outros para Deus os humilhar e entregar nas mãos dos seus inimigos, como fez.

«Mostrou-lhe no principio a victoria, com lhe dar animo, para accommetterem, mas logo por seus peccados os intimidou para os confundir e castigar. Entendamos logo se queremos vencimento e alcançar victorias gloriosas delles, que devemos procurar evitar peccados, e ter firme fé e confiança no mesmo Deus, e não em nosso braço, nem em multidão de armas e soldados como nos diz a Sagrada Escripura. Trazia Muley Moluco oitenta e quatro mil homens de cavallo, e d'estes cinco mil tiradores, e dez mil escopeteiros de pé: esta é a mais certa opinião acerca da sua gente.

«Nós traziamos dezoito mil homens de pelega de pé e de cavallo, e do xarife mil e quinhentos e os mais de pé: na dianteira da batalha estiveram os aventureiros, em guarda da artilharia, e elles foram os primeiros que commetteram o inimigo: a mortandade foi tão grande, que o rio parecia mais de sangue que de agua, por quanto vinha muita gente demandar aquella passagem para se salvarem no dito rio: e se affirmou morreram afogados no dito rio o xarife que andava desapossado do reino por Muley Moluco, o qual tambem dizem morreu no mesmo rio, passado de um pelouro de mosquete. Succedeu-lhe no reino um irmão seu menos bellicoso, e guerreiro, e antes de se dar fim á dita batalha

viera el-rei e encontrando a Jorge de Albuquerque lhe deu o seu cavallo que tinha em Evora cidade por revelação que em sonhos lhe foi feita para aquelle effeito. E el-rei nosso senhor desceu do seu cavallo, que trazia uma espingarda pelo pescoço e se passou para o cavallo de Jorge de Albuquerque com a sua costumada ligeireza, sem lhe terem mão no estribo, armado de todas as armas, e se foi ao longo do rio abaixo, e passando-o se foi metter em Arzilla n'aquella noite e por isso se levou toda a armada na madrugada seguinte.»

Por esta narração se conhece claramente que o padre Amador Rebello é o seu correspondente acreditavam que el-rei saíra vivo da batalha, e que fôra em direitura a Arzilla; Miguel Leitão de Andrade procura na obra já citada explicar este facto e refere o seguinte:

«O dia depois da batalha, estando eu na tenda com os feridos companheiros moiros, seria pelas oito ou nove horas da manhã, ouvi em todo o arrayal dos moiros grandes algazarras e festas e disparar de seus tiros. Abeçor soltam! Abeçor soltam! de que eu nada entendendo, me disse um dos feridos, que era moiro dos de Granada, dize tu amo, que vayas ver tu rei que vá por ali. Elevando-me por detraz da tenda, vejo passar diante de mim espaço de cinco ou seis varas, o infelicissimo rei D. Sebastião muito interissado e de bruços, atravessado em uma sella vestido em um gibão de hollandia branco, calções de rasca arenosa, em um cavallinho castanho, e Sebastião Rezende seu moço da camara do serviço nas ancas d'elle. O qual deveu de tirar de sobre as fronhas que então se costumavam, os ditos calções e despir o gibão para cobrir o corpo do seu rei que já achou nu, e despojado como logo todos o foram dos alarves, nem levava camisa nem coisa na cabeça e pernas, mas pela dôr e magoa me não dar *logar me não cheguei mais a levantar-lhe o rosto, para o ver bem*: como meu amo quizerá, e por tambem não ser tido na conta e confirmar a que os moiros faziam de mim, de que depois e ainda agora me acho muito pesaroso e arrependido.

«E d'esta maneira foi levado este corpo á tenda do novo rei irmão de Moluco morto, que se chamava Muley Hamet onde já se achavam coisa de vinte fidalgos captivos: o duque de Barcellos D. Theodosio, hoje de Bragança, D. Duarte de Menezes general do nosso campo, que depois falleceu vice-rei da India, e o meirinho-mór D. Duarte de Castello Branco depois conde de Sabugal, D. Miguel Noronha, um dos quatro coroneis da gente portugueza, Belchior de Amaral corregedor da côrte, e outros que todos conheceram ser aquelle o corpo de el-rei D. Sebastião, e assim o juraram ali, e d'isso mandaram instrumentos a el-rei D. Henrique seu tio que lhe succedeu, e Luiz Cesar que trouxe o corpo a Belem que o moiro deu graciosamente, e depois a pessoa do dito duque, e D. João da Silva embaixador de Castella.»

Miguel Leitão de Andrade explica depois o motivo porque se espalhou a noticia de que D. Sebastião escapara vivo da batalha indo de accordo com Hieronimo de Mendonça na sua jornada de Africa (Livro II, Cap. II, Pag. 83—edição de 1785). Eis as suas palavras formaes:

«Porém o que fez duvidar a muitos ser este o corpo d'este rei D. Sebastião, e que elle se salvara da batalha foram uns embuçados, que a mesma noite da batalha, entraram em Arzilla, e se embarcaram embuçados em um dos navios da armada, que logo se levantou, e o levantar-se ella logo, e vir-se, o que Hieronimo de Mendonça conta no seu livro, e assim foi.»

E mais adiante: «Pois este embuçamento deu causa ainda a tantas desventuras mais: fôra muito bom que Pero de Mesquita, que era capitão em Arzilla publicara ao mundo todo, quem foram estes embuçados, e que Hieronimo de Mendonça os desembuçara de todo, ainda que n'isso se lhe seguira aos mesmos grande menoscabo de suas pessoas, os houvera de nomear pela maior obrigação que temos a bem commum do reino, e á nossa republica.»

E' notavel que sendo o capitão Francisco Aldana citado com elogio por todos os chronistas contemporaneos ou quasi contemporaneos d'aquella epoca, só frei Bernardo da Cruz lhe estranha o haver por um modo violento, resolvido o rei a dar a batalha. Eis o que elle escreve:

«Estando el-rei descuidado de dar a batalha pela manhã se chegou á tenda d'el-rei o capitão Aldana castelhano, e com efficazes brados dizia a el-rei que se perdia se não desse logo a batalha, e o que faltava de razões para o persuadir suppria com effeitos de bravosidade: mordendo nas mãos: dando punhadas no rosto e nos peitos. El-rei que estava assaz alterado, por ser já accelerado por se ver travado com os moiros, com grandes esperanças de pôr debaixo de seu sceptro, com jugo de grave tributo, e aspero captiveiro aos inimigos da nossa santa fé: mandou que se pozessem em som de dar logo a batalha, *contra toda a boa opinião.*»

Continua.

MARINHA PORTUGUEZA.

II

A nau Conceição.

Continuação.

II

Desengano.

Na mesma noite da tarde em que tivera lugar a bordo da nau *Conceição* a conversação que narrámos no precedente capitulo, entrara a embarcação nas aguas das Berlengas, á hora em que finda um dia para se dar começo a outro.

Mal sabia a parte da tripulação que não estava de serviço, achar-se tão proxima de terra portugueza, onde com anciedade esperava ver terminados os trabalhos d'aquella longa viagem.

Vinham as perfumadas brisas da terra, n'essa hora em que a natureza exerce as suas procreatoras funcções, embalsamar a aragem que brandamente se deslisava por entre o velame da nau; e este signal, tão fagueiro sempre para o nautico, mesmo por entre as trevas d'aquella opaca noite, attrahira desde logo a attenção dos homens, que n'esse momento estavam de quarto.

Quem pode contar as sensações d'aquelles generosos peitos dos marinheiros vendo tão cêrca o termo de suas longas peregrinações!

Como o coração do homem é inconstante. O verdadeiro marítimo ama a sua fragil embarcação, como se adora uma desposada; dirige-lhe canticos n'uma lingua desconhecida para o resto dos mortaes; cura extremoso no seu adorno; e não está contente senão quando se sente baloiçar entre os seus braços por sobre as infinitas vagas do oceano! Mas se a viagem é longa, por isso mesmo que tem saciados aquelles amantes desejos, suspira um momento pela terra; da qual comtudo depressa se enfastia, voltando ao seu navio mais aborrecido que nunca d'este firme elemento, por onde passa como estrangido!

Ao contrario d'este, o viajante prestes encontra repleta a alma d'essas sensações com que a magestade da natureza primeiro o admirou; acha-se tacanho e pequeno de mais para tamanho quadro, suspira entre o ceo e o mar pela domestica felicidade do seu lar, e retrata com vivissimas côres da saudade, as scenas caseiras a que assistiu, debuxa aquellas que o aguardam ao desembarcar, e não sabe como abreviar o momento de apertar a familia entre os braços!

Voltando á nau *Conceição* veremos que os que estavam de serviço pelo quarto da meia noite, conhecendo pelas estrellas, e pela aragem da terra, a aproximação d'esta, depressa esqueceram os vaticinios de mestre Antonio, que até essa hora não pouco lhes haviam influido n'alma.

Quasi ao render do quarto d'alva, achava-se a nau proxima á Ericeira.

Tudo se aprestava a bordo, corrida a alegre nova da altura em que se achavam, para dar fundo em Cascaes; mas entre a bulha que se fazia para talingar as amarras, ouviu-se um rumor de gente e vozes, que não eram da embarcação, onde tantas esperanças creara a aproximação de terra portugueza.

Alguns não sabiam que conjecturar do caso, pois não havia duvida que proximo á nau estavam embarcações: outros, que sempre os ha em todas as circumstancias da vida, mais confiados, presuppozeram achar-se no meio da esquadra de D. Antonio de Athaide, que, por informações recebidas durante a viagem, devia andar em guarda das nossas costas.

Com a credulidade, como era natural nasceu a confiança. Em breve o dia raiou, tão esplên-

dido de galas, como formosos soem ser aqui no nosso horisonte; ergueu-se o astro do dia tão vivificador, como se viera expedido por Deus para fazer brotar esperanças n'alma; reflectiu seus raios doirados sobre as aguas mais tranquilladas da costa, como alcatifando de oiro e safiras a estrada por onde desembarcariam na patria; e tudo isto concorreu para mais serenar aquelles animos confiados, que vendo juntas dezesete embarcações, a si proprios se enganavam não as contando por inimigas.

Se bem que eram grandes vasos, e a construcção e o apparelho lhes desenganavam os olhos mostrando-lhes que não eram portuguezas, tão leda era a crença de que junto á terra da patria não podiam correr perigo, que por estranhas as tomaram, mas igualmente por inoffensivas, imaginando que seriam navios que depois de carregarem sal em Setubal, iam seguindo seus destinos.

Prestes, porém, se desfez o engano. A nau *Conceição* estava ameaçada pela esquadra turca.

Havia quatorze dias que esta largara de Argel, com cinco mil homens de desembarque, com direcção ás costas da Galliza.

Commandava-a o almirante Cara-Mustapha, que entre os seus era nomeado por homem de esforço, e continham as embarcações de trinta e quatro a quarenta peças, com a sua competente guarda, e mais gente de manobra.

Entre esta vinham alguns portuguezes, que n'aquelles tempos não poucos dos nossos, como de varias outras terras da christandade, estavam captivos dos infieis, e serviam nas galés argelinas.

Por elles foi informado o almirante turco de que o navio lusitano era uma d'aquellas nossas ricas naus que nos traziam da India valiosissima carga; e como n'aquella gente pirata a esperança de tão bello despojo, cuja victoria se lhe antolhava facil pela superioridade numerica, excitasse a vil cubiça, os turcos se prepararam para levar de vencida a pobre nau.

Da capitanea se expediram sem demora os escaleres a communicarem ás outras embarcações as convenientes ordens. Em linha se metteu a esquadra, com bandeiras içadas firmando a almirante a sua com um tiro de peça, sem bala.

Tudo isto tivera logar pelo matutino crepusculo.

Para os portuguezes já não havia duvida de que os suppostos inoffensivos barcos eram uma esquadra inimiga.

Como era de uso, empregara-se a bordo da nau *Conceição* os sete dias de viagem desde as ilhas, em trazer da coberta para cima os fardos, bahus, e caixotes que vinham nos baileos; porque então, todos os objectos que não se achavam de escotilhas abaixo, na occasião da entrada do porto, eram isemptos de direitos.

Assim, encontrou-se, n'estes apuros da proximidade de um combate, empachada a nau com tantos volumes que trazia de carga, e no

convez obstruida com as amarras que se preparavam para dar fundo.

Primeiro trabalho, e não de pequena monta, remover aquella carregação para desembaraçar o convez; mas de tão boa vontade se lançou a elle a pouca gente da guarnição, que quando muito no decurso de um quarto de hora, não havia ali volume que a obstruisse!

Não pudera até então o commandante, D. Luiz de Sousa, enxergar a bandeira da esquadra que encontrava pela frente; mas pelas disposições que vira tomar a bordo, porque o encontro já era inevitavel, pela impossibilidade da retirada, ainda que não fôra acto de covardia, prudentemente a capitulou de inimiga, e se dispoz a vender cara a victoria.

Sem hesitação distribuiu a sua pouca gente convenientemente pelos postos, e como melhor convinha á defesa da nau. Pouca era ella, e em pessimo estado as armas porque os dois invernos que se passaram nas Indias, quasi as haviam inutilisado. Apesar d'isso era preciso combater, e o combate devia dar-se como fosse possível para salvar a honra do nome portuguez.

A nau tinha montadas unicamente vinte e duas peças, guarnecidas por quatorze artilheiros, seis soldados de infantaria que regressavam ao reino a requerer mercês, oito passageiros, e noventa homens de marinagem, afóra os officiaes!

Eram bastantes não para a victoria, mas para uma gloriosa morte em prol da patria.

Na distribuição da gente deu-se um artilheiro a cada duas peças; e D. Luiz de Sousa tomou posto no meio do convez.

Firmou-se a bandeira com um tiro de bala á capitanea inimiga.

Estava lançado o desafio.

Não viram os turcos sem uma especie de estremecimento este acto de ousadia portugueza, e desarrasaram contemplando como um só navio affrontava dezeseite bem guarnecidos de gente de peleja.

Do pasmo, porém, brevemente passaram ao furor que a expectativa de um combate sempre excita nos homens de guerra; e a esquadra carregando papafigos, e prolongando a cevadeira, velejou em gaveas e mezena para abordar.

A nau *Conceição* estava preparada, com os seus escassos meios de defesa, para receber e repeller o *accommettimento* da frota adversa.

E se acaso a tripulação recordava n'estes sollemnes momentos as tristes palavras de mestre Antonio, não era para desfallecer no meio do perigo, mas para tirar do arriscado das circunstancias novos brios, e mais alentado esforço para deixar n'aquellas aguas honrosa menção dos seus feitos.

Continua.

AVISO.

O editor do *Panorama*, e da *Illustração Luso-Brazileira* comprou aos respectivos autores as

obras dramaticas, que em seguida se mencionam, algumas das quaes se acham no prelo, devendo porém a publicação de todas estar concluida em Junho ou Julho do anno proximo futuro.

O editor faz o presente annuncio para evitar que se dêem acontecimentos desagradaveis, que infelizmente não seriam novos, ainda que se não pode suppor mal da regra geral pela excepção.

As obras dramaticas a que se allude são as seguintes:

Alva Estrella, drama em cinco actos, por José da Silva Mendes Leal Junior.

Carlos, ou a Familia do Avarento, comedia em quatro actos, por I. Maria Feijoo.

Pedro Cem, drama em cinco actos, pelo mesmo.

Remechido o Guerrilheiro, ou os ultimos dez annos da sua vida, drama em quatro actos e duas epocas, precedido d'um prologo, pelo mesmo.

A Pelle do leão, comedia-drama em tres actos, por Alfredo Hogan.

O Marido no prégo, comedia em um acto, pelo mesmo.

Nem tudo que luz é oiro, comedia-drama em tres actos, imitação pelo mesmo.

Já não ha tolos, comedia em um acto, pelo mesmo.

A Roda da fortuna, comedia-drama em tres actos, pelo mesmo.

A Mascara social, comedia-drama em tres actos, pelo mesmo.

Segredos do coração, comedia-drama em tres actos, pelo mesmo.

O Colono, comedia-drama em tres actos pelo mesmo.

Não desprese sem saber, comedia em um acto, pelo mesmo.

O Juizo do mundo, comedia-drama em tres actos, pelo mesmo.

A Irmã de caridade, comedia em dois actos, pelo mesmo.

A Conquista das Amazonas, poema comico-dramatico em dois actos, pelo mesmo.

O Defensor da Igreja drama de grande espectáculo em tres actos e cinco quadros, por A. Cezar de Lacerda.

Um Risco, comedia em dois actos, pelo mesmo.

A Duplice existencia, comedia em quatro actos, pelo mesmo.

Coração de ferro, drama phantastico de grande espectáculo em cinco actos, pelo mesmo.

Uma Lição de florete, comedia-drama em tres actos, pelo mesmo.

A Conversão d'um agiota, comedia em dois actos, por José de Vasconcellos Hasse.

O Segredo d'uma familia, comedia-drama em tres actos, por José Carlos dos Santos.

Anjo, Mulher e Demonio, comedia-drama em dois actos, por Guilherme Aguiar.

Amor e amizade, comedia em um acto, por José Eduardo Coelho.

O Maestro Favilla, drama em tres actos, traducção de Ernesto Biester.